

FOLHA (especial): Lula acata conselho e não entrará nas águas do São Francisco em evento neste domingo

Publicado em 18/03/2017 16:19 e atualizado em 20/03/2017 07:48

A seco -- A comitiva que irá com Lula à transposição do São Francisco, neste domingo (19), respirou aliviada ao saber que ele acatou conselho para não entrar nas águas, como pretendia fazer. Havia temor do gesto ser visto como mau exemplo. (Na coluna PAINEL da FOLHA DE S. PAULO deste domingo)

Anunciada com estardalhaço nos últimos dias nas redes sociais, a visita do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva a Monteiro (PB) e Sertânia (PB) neste domingo (19) correu de boca em boca nessas cidades como fato consumado antes mesmo de o petista confirmá-la.

Quando o presidente Michel Temer (PMDB) esteve na região no último dia 10 para [inaugurar o eixo leste](#) da transposição –num evento fechado para convidados, entrecortado por gritos de manifestantes do lado de fora–, os sertanejos ouvidos pela Folha já faziam [planos para receber Lula](#).

No semiárido nordestino, a imagem do petista tem contornos quase míticos. A despeito da campanha publicitária maciça do governo federal sobre a chegada das águas da transposição, entre as dezenas de entrevistados feitas em uma semana (de 10 a 15/3), preponderou a opinião de que Lula é o responsável pela obra.

Da mesma forma, quase todos afirmaram que votariam no petista se a eleição fosse hoje. Na zona rural, não houve entre os entrevistados uma única voz dissonante. Nas áreas urbanas da região por que passa a transposição, ainda que Lula também seja majoritário, a reportagem ouviu vozes críticas à corrupção nas gestões petistas e eleitores desiludidos com a política.

A transposição contribuiu para a popularidade de Lula, mas é listada, como justificativa de apoio, ao lado de outras políticas que beneficiaram maciçamente os nordestinos, como o Bolsa Família, o aumento do salário mínimo, a geração de empregos e medidas menos vistosas contra a seca, como distribuição de cisternas.

Há quem nem saiba o nome do atual presidente, como o sapateiro aposentado João Soares de Souza, 76, de Monteiro. "Estamos esperando vantagem [com a transposição]. Se não tiver, desvantagem não vai ter. A seca está malvada, os invernos meio

poucos, com uma chavinha de não fazer água. O povo sempre tem fé no Lula, foi ele quem começou a enfrentar isso, depois ele botou a Dilma. Diziam que ela fazia melhor do que o que entrou...". Mas quem entrou no lugar dela? "E eu sei lá. Não sei não."

A 65 quilômetros dali, num aglomerado de casas de uma mesma família chamado Cancelas, zona rural de Sertânia (PE), o lavrador Marcos Antônio de Siqueira, 46, e todos os seus parentes são lulistas.

É um local de aridez extrema, onde dificilmente a água da transposição chegará (os canais e barragens mais próximos estão 30 quilômetros além), e o rio Moxotó, distante 2 quilômetros, está seco.

Os Siqueira têm cisternas, mas pegam água emprestada de vizinhos, pois não estão cadastrados no programa municipal que às vezes abastece a região com carros-pipa –o terreno onde vivem é íngreme e acidentado, o caminhão não chega.

"O canal [da transposição] está cheio, mas a gente só vê água se for lá de moto. Para a gente, não vai servir de nada, é muito longe", afirma Marcos.

Sem chuva nem água para plantar, ele e os parentes sobrevivem da criação de cabras, de dois bois (comprados com um salário-maternidade) e do Bolsa Família –R\$ 230 no caso de Marcos e sua mulher, que têm um filho de 9 anos, Joran, na escola. "Foi Lula quem deu esse comer a gente", ele diz.

Em Salgueiro (PE), por onde passam canais do eixo norte, a agricultora aposentada Judite Epifânia de Jesus, 78, recorda que, antes de Lula, "ninguém tinha uma cachorra para andar". Ao seu lado, o neto Reginaldo, 25, explica que "cachorra" é moto, tão comum no sertão moderno quanto mandacaru.

Ela é semianalfabeta, ele tem ensino médio completo, mas está desempregado. "Ruim ou bom, quem tirou nossa barriga da miséria foi Lula. Quando era ele, havia emprego", diz Judite, para quem a corrupção é um problema sem partido. "E os que não eram ladrões? Estão presos ou ainda vão ser. Pelo menos Lula lembrou da gente, os outros nem isso."

A advogada Larissa Lopes, 25, de Cabrobó (PE), votaria nulo ou em branco. "Todos têm problemas, perdi a esperança com a política. Lula fez muitos projetos, mas muitos deles são a causa do afundamento do Brasil hoje."



O então presidente Lula (de chapéu) ao lado de Dilma (no microfone) em obras no eixo norte da transposição

BOLSONARO

Na cidade de Brejo Santo (CE), os namorados Riviele Teles, 19, estudante de educação física, e Vítor Macedo, 20, dono de lanchonete, se dividem. Ele é Lula: "Roubou muito, mas fez muito. Tirou de quem tem, os outros tiram de quem não tem". Ela concorda, mas, logo hesita. Gosta também de Jair Bolsonaro (PSC-RJ).

Entre um e outro, votaria em quem? "Em Bolsonaro. Tem que ser uma coisa radical, para mudar logo", diz Riviele. Mudar logo o quê? "A criminalidade."

Em Sertânia (PE), quatro rapazes que [mergulhavam na barragem](#) Campos da transposição no sábado retrasado se declararam eleitores de Lula. Questionados sobre que outros políticos são citados como opção entre os jovens da cidade, respondem: Bolsonaro.

Além de Temer e Lula, o tucano Geraldo Alckmin, governador de São Paulo com pretensão de concorrer à Presidência, também [buscou se associar à transposição](#), ao emprestar bombas da Sabesp para serem usadas num reservatório da transposição.

Alckmin fez um evento para anunciar o empréstimo e depois foi ao Nordeste e sobrevooou a barragem onde foram instaladas as bombas.

Os apoios dos Estados à transposição também se guiaram pela bússola da política.

"Bahia e Sergipe foram contra até que o PT conquistasse o poder nesse Estados. Você tem dúvidas de que o lobby da transposição ajudou nas eleições de Jaques Wagner [na Bahia] e Marcelo Déda [em Sergipe]? Não podemos desconsiderar a vinculação política dessa obra com o projeto de poder do PT", observa o hidrólogo João Abner, professor titular aposentado da UFRN.

Em meio a maior seca, transposição do rio São Francisco divide nordestinos

(por FABIO VICTOR e EDUARDO KNAPP, ENVIADOS ESPECIAIS DA FOLHA AO NORDESTE)

Onde o rio São Francisco deságua no primeiro canal da transposição, o pescador José Aílton da Silva, 22, acampou há 15 dias com a mulher, Ana Paula da Silva, 31, e o filho Uálison Caio, de 2 anos. Moradores de Petrolândia (PE), foram em busca de comida, pescada das águas em uma entrada do rio antes conhecida como Água Branca.

Com a [chegada da transposição](#), o lugar, ponto de partida do eixo leste do projeto, passou a ser chamado pelos locais de Paredão. A três quilômetros dali está a Estação de Bombeamento de Floresta (PE), que lança as águas do rio até Monteiro (PB), um percurso de 217 quilômetros cuja conclusão foi inaugurada com festa pelo presidente Michel Temer no último dia 10.

A obra monumental já custou R\$ 9,6 bilhões à União e tem sua paternidade [reivindicada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva](#), que em 2007 tirou do papel uma ideia que circulava no país havia anos.

Em paralelo à [disputa política](#) que marca a chegada das águas do rio aos canais e barragens da transposição, desenrola-se outra menos visível, entre as populações ao longo do trajeto da obra, atingidas pela seca mais severa em pelo menos 50 anos no Nordeste, que dura pelo menos cinco anos.

Na ponta que começa a receber a água, o que se encontra são [euforia e esperança](#). À medida que se desce no mapa em direção à bacia do São Francisco, a maior parte dos moradores relata apreensão ou oposição ao projeto.

Neste segundo grupo está o casal Silva. "A transposição está prejudicando o rio. A bomba está ligada o tempo todo puxando água, o nível é baixo e já está baixando mais", disse José Aílton. "Entendo a alegria deles [moradores beneficiados], porque viviam de caminhão-pipa, mas tem de ver o sofrimento que agora está causando aqui", emendou Ana Paula. Ao verem o rio baixo, ambos relatam receio de que a água passará a custar mais caro e faltará para a agricultura na região, outro sustento do casal.

"Eles" a quem se refere Ana Paula são principalmente sertanejos de Paraíba e Pernambuco. Gente como o pedreiro Sebastião Gomes Cazuzza, 58, que trabalhou por três anos na obra da transposição (ganhava R\$ 6,64 por hora, conseguindo, com horas extras, tirar R\$ 2.460 por mês) e no último dia 11, um sábado, apreciava a água do canal encher a barragem de Campos, em Sertânia (PE).

Morador de uma rua sem abastecimento, acostumado a comprar água de caminhão-pipa –3.000 litros por R\$ 45–, Cazuzza estava duplamente feliz, pelo saldo de seu trabalho e por vislumbrar uma vida menos seca. "É suave e gostoso [ver a água jorrar na barragem], é bom, é bonito, me sinto aliviado. Vai ser uma riqueza para cá", afirmou.

Na paraibana Monteiro, o clima é semelhante. "A festa é grande. Quem critica [a transposição] não conhece a situação de quem vive sem água", observou o agricultor Fernando Gomes dos Santos, 26.

CINZA E OCRE

Ver a água doce singrar o sertão é, para os que vivem no semiárido, um alento amplificado pela circunstância. Dados compilados pelo Cptec/Inpe (Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) a pedido da *Folha* mostram que a atual seca na região, ininterrupta desde 2012, não tem precedente desde pelo menos 1961. Os três anos com menor volume acumulado de chuva desde então foram 2015, 2012 e 2016.

Considerando só a estação de pluviometria de Quixeramobim (CE), que tem dados desde 1896, é o período mais seco em mais de um século.

Segundo a ANA (Agência Nacional de Águas), os reservatórios do Nordeste estão com 13,8% de sua capacidade, índice mais baixo

desde 2012. De acordo com o Ministério da Integração Nacional, 835 municípios da região estão em estado de emergência.

Nestes dias, a paisagem dominante do sertão nordestino é a dos cinzas e ocres da seca, dos xique-xiques, mandacarus e algarobeiras entre dezenas de leitos de rios esturricados, conforme visto pela reportagem em 1.900 quilômetros percorridos de carro por quatro Estados (Paraíba, Pernambuco, Ceará e Bahia, os três primeiros na rota da transposição) em uma semana.

Quase no fim do período chuvoso no sertão (de novembro a abril), havia aqui e ali tons de verde, graças a alguma água que caiu na semana retrasada, responsável também por um mar de borboletas nas estradas no dia seguinte ao aguaceiro.

Em Floresta (PE), onde começa o eixo leste da transposição, não há **problemas de abastecimento** como na ponta que recebe a água. Mas ali, a poucos quilômetros do rio São Francisco e dos canais do projeto, o riacho do Navio e o rio Pajeú –imortalizados na canção de Luiz Gonzaga e Zé Dantas– estão secos.

DESVIOS DO RIO

O caminho do São Francisco pelos canais da transposição



26,4 m³

por segundo é a vazão autorizada para ser captada do rio hoje



127 m³

por segundo é a vazão máxima que poderá ser captada (quando o rio estiver cheio)



O caminho do São Francisco pelos canais da transposição

A feirante Jocelice Alice da Conceição, 34, conta que já há escassez na lavoura. "O alface vem de outras cidades, porque a água não é suficiente. Aqui estamos com medo de que, com essa água indo para fora, falte para a gente."

Também há apreensão em Cabrobó (PE), à beira do São Francisco e ponto de partida do eixo norte –inconcluso à espera do resultado de licitação desde que a empreiteira responsável, a Mendes Junior, envolvida na Lava Jato, foi inabilitada.

Moradora da cidade, a advogada Larissa Lopes, 25, reclama: "Tinham que primeiro ter cuidado do rio para depois fazer a obra. Do jeito que foi feito, pode beneficiar algumas pessoas, mas daqui a pouco quem vai precisar seremos nós. Acho que é um projeto para desviar dinheiro".

Saúde do São Francisco e falta de obras adicionais são entraves à transposição

Enquanto o governo Temer [alardeia a chegada da água da transposição](#) às primeiras cidades do Nordeste, hidrólogos e estudiosos do semiárido nordestino apontam quatro entraves principais para que a transposição funcione: a debilidade atual do rio São Francisco para suprir a nova demanda; a ausência ou precariedade de obras complementares para fazer a água dos canais chegar às torneiras; a prioridade ao agronegócio, em detrimento do abastecimento humano; e o temor quanto ao furto de água dos canais, algo recorrente em projetos na região.

Um ponto crucial é saber se a vazão captada do São Francisco, por autorização da ANA (Agência Nacional de Águas), prejudicará a bacia do rio. Hoje, por causa da seca, ela é de 26,4 m³ por segundo, mas em época de cheia poderá chegar a 127 m³/s.

O governo argumenta que a retirada não afetará o manancial. O engenheiro agrônomo João Suassuna, 64, pesquisador da Fundaj (Fundação Joaquim Nabuco) especialista em semiárido, discorda. "O São Francisco tem problemas hidrológicos sérios e não tem volume para abastecer a transposição. É um rio de múltiplos usos, responsável por 95% da energia gerada no Nordeste, irriga uma área de 340 mil hectares."

Segundo Suassuna, a fronteira agrícola de Mapitoba (Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia) é outra ameaça ao rio. "Os produtores de soja estão exaurindo as águas de subsolo dessa região, do aquífero Uruçua, o que já está interferindo nas vazões de base do São Francisco, que alimentam o leito do rio."

Assim como Suassuna, o hidrólogo João Abner, 63, professor titular aposentado da UFRN, crê que a prioridade de uso da água será do

agronegócio, diferentemente do que afirma o governo, para quem a primazia é para o abastecimento humano.

"Os canais foram dimensionados para uma vazão quatro vezes maior do que a outorgada. E a expectativa de desenvolvimento pregada largamente por todos os políticos vai pressionar sempre por aumento de vazão para atender o agronegócio. Os Estados da região estão com grandes projetos em andamento baseados na vazão máxima. Esse é o maior conflito do projeto", diz Abner.

Secretário de recursos hídricos de Pernambuco até janeiro passado, o engenheiro José Almir Cirilo, doutor em recursos hídricos e professor titular da UFPE, discorda dos colegas sobre o prejuízo ao rio. "Os 26 m³/s são vitais e representam apenas 1% da vazão média do São Francisco. Mesmo na crise atual que também afeta a bacia do rio, é uma retirada insignificante", defende.

Mas Cirilo aponta outro problema, a pendência de obras complementares para que a água chegue às torneiras. Ele cita o caso do do Ramal do Agreste, canal que captará água da transposição em Sertânia para abastecer 68 cidades pernambucanas a partir da chamado Adutora do Agreste. "Esse projeto está pronto há pelo menos dois anos, o governo federal licitou há um ano e até hoje não determinou o início da obra, que vai se estender por no mínimo quatro anos."

O ministro da Integração Nacional, Helder Barbalho, diz que o governo federal ampliou os repasses ao governo de Pernambuco para a obra e que a Adutora do Agreste deve começar a operar em sete meses.

Barbalho lembrou que as obras adicionais cabem aos governos estaduais e disse que, ao assumir, o atual governo agiu para agilizar os repasses. "É fato que as obras estruturantes deveriam estar prontas no momento da passagem da água. Por isso, em maio passado, quando assumimos, chamamos os governos dos Estados e as empresas envolvidas com a transposição e perguntamos qual a capacidade de execução para antecipar os cronogramas. Terminamos o ano colocando dinheiro na conta do governo de Pernambuco."

O ministro frisou, entretanto que "desde o primeiro momento o compromisso principal [do governo] é com o caminho das águas" e que, graças à situação crítica de abastecimento em Campina Grande

(PB), que receberá água da transposição a partir de Monteiro (PB), havia pressa para concluir o trecho leste.

Segundo Helder Barbalho, Monteiro e Sertânia já estão abastecidas com água da transposição. No caso da cidade paraibana, a informação é contestada pelo Ministério Público Federal. "A água da transposição enche os reservatórios, mas a companhia de saneamento precisa distribuir essa água. Em Monteiro, esse sistema não existe em toda a zona urbana e inexistente na zona rural", disse a procuradora federal Janaína Andrade de Sousa.

"Na minha casa não chegou água. Ontem fiz uma escova num salão e tive que comprar água mineral. Sempre levo duas garrafas de água para frequentar um salão de beleza", contou a procuradora.

Dois outros moradores de Monteiro relataram nesta sexta (17) à reportagem que na véspera começou a chegar um pouco de água em suas casas. Um morador de Sertânia disse que nada mudou e que continua a tomar banho de cuia com água comprada de caminhão-pipa.

FISCALIZAÇÃO

Morador de Juazeiro (BA), às margens do São Francisco, o filósofo e teólogo Roberto Malvezzi, assessor da Comissão Pastoral da Terra e de movimentos sociais, diz que o atual estado do rio não é compatível com a transposição. "A reprodução de peixes é afetada, porque não há mais a inundação das lagoas marginais. Isso impacta diretamente a vida de milhares de pescadores que viviam dessa pesca. Sem falar na cunha salina que penetrou o rio e está inviabilizando os mananciais de água doce da foz. Não que a transposição seja a causa desses problemas, mas pode agravá-los. A causa é o desmatamento do Cerrado."

Órgão que se opôs à transposição enquanto o projeto foi debatido, o CBHSF (Comitê da Bacia Hidrográfica do São Francisco) diz que "agora, quando quase R\$ 10 bilhões já foram investidos, essa polêmica perdeu o foco político, muito embora historicamente vá se manter ainda por um longo período". O CBHSF atenta para a importância de se fiscalizar a vazão autorizada pela ANA (Agência Nacional de Águas) e cobra o engajamento dos Estados que passarão a receber água do rio.

DESVIOS DO RIO

O caminho do São Francisco pelos canais da transposição



26,4 m³

por segundo é a vazão autorizada para ser captada do rio hoje



127 m³

por segundo é a vazão máxima que poderá ser captada (quando o rio estiver cheio)



O caminho do São Francisco pelos canais da transposição

"A entrada em funcionamento do eixo Leste da transposição representa mais uma demanda expressiva de água em contexto de grave crise hídrica e ambiental na própria bacia e calha do São Francisco, onde as vazões a jusante dos principais reservatórios (Três Marias e Sobradinho) estão sendo reduzidas drasticamente para contornar os efeitos dramáticos da seca de cinco anos. Em tais circunstâncias, as condições da

outorga deverão ser estritamente observadas", afirma o presidente do CBHSF, Anivaldo Miranda.

"Por outro lado, o fato das bacias receptoras do Nordeste Setentrional receberem as águas do São Francisco torna-as, a partir de agora, e a seus Estados também (Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba) responsáveis pela gestão das águas sanfranciscanas tanto para o bônus como para o ônus, ou seja, todos que usam águas do rio São Francisco devem se obrigar a um engajamento de fato e não apenas retórico, com o uso racional dessas águas, com as restrições impostas à administração da crise hídrica que afeta o próprio rio São Francisco e com o Programa de Revitalização da Bacia Hidrográfica que até agora, em termos práticos, ainda não saiu do papel."

O Ministério da Integração lançou em outubro um programa de revitalização da bacia, batizado de Novo Chico, no qual diz que vai investir R\$ 7 bilhões, que prevê a recuperação de nascentes e matas ciliares, tratamento de esgoto ao longo da bacia e educação ambiental, entre outras medidas.

O NOVO PROGRAMA DO RIO SÃO FRANCISCO

Governo pretende gastar R\$ 10 bilhões até 2026

PARA ONDE VAI O DINHEIRO

R\$ 6,7 bilhões

Recuperação de nascentes e áreas degradadas; modernização de agricultura irrigada e programas de aquicultura

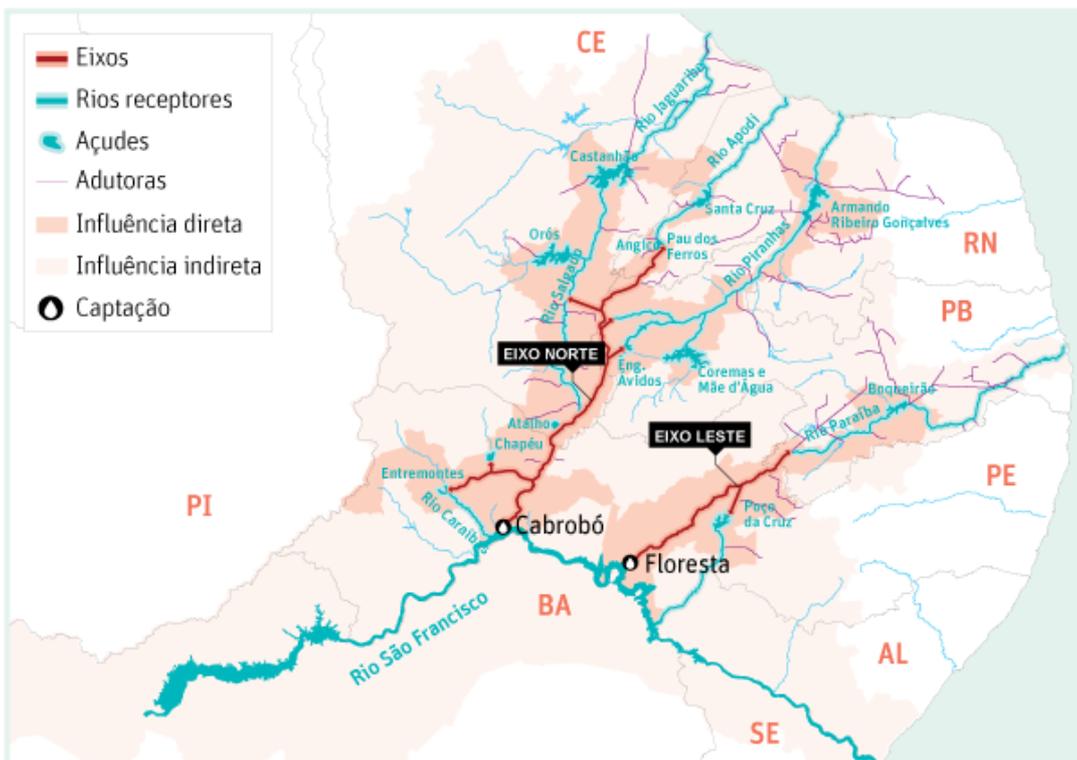
R\$ 2,2 bilhões

Conclusão de 124 projetos de saneamento e esgotamento inconclusos

R\$ 650 milhões

Gestão e fiscalização ambiental; recuperação de unidades de conservação; educação socioambiental

RAIO-X DA TRANSPosição



O que é

Integração do rio São Francisco a rios temporários do semiárido por meio de canais artificiais

Quem será atendido

População de 390 municípios nos Estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará

O que já foi executado

Eixo Norte

> 260 km de canais
> 88,7% de obras prontas

Eixo Leste

> 217 km de canais
> 85,4% de obras prontas

Fontes: Ministério da Integração Nacional, Portal da Transparência e João Suassuna (pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco)

Fonte: Folha de S. Paulo